

29-04-2021

Turismo, Capitalismo e Pandemia (III)

Erick Zickwolff

[Mestre em Turismo pela UFF. Docente da Faetec-RJ.
Turismólogo da Prefeitura de Macaé/RJ]

Nos textos anteriores, onde procuramos identificar quem pode, de fato, ser considerado um turista, destacamos a necessidade imperativa da posse de recursos financeiros para que uma pessoa possa encarnar tal papel.

Isto nos permitiu visuar o abismo que separa a minoria da humanidade, que possui condições para desfrutar hedonisticamente das atividades turísticas, daquela maioria que jamais o poderá fazer ou, na melhor das hipóteses, apenas o faz na posição de prestadores de serviços. Falando em abismo, Boaventura de Sousa Santos desenvolveu o conceito de “linhas abissais” que separariam - econômica e epistemologicamente - o Norte (desenvolvido e metropolitano) do Sul (subdesenvolvido e colonial) global. Partindo desse conceito, percebemos que a parcela da humanidade que acessa a atividade turística internacional é aquela proveniente do Norte global, sendo o Sul um espaço receptivo de fluxos turísticos e, por consequência, mais familiarizado com a postura de serviçal, ainda que existam exceções em ambos os hemisférios metafóricos - pobreza no Norte e riqueza no Sul. Em seu mais recente livro “O Futuro Começa Agora: Da Pandemia à Utopia”, o sociólogo português dedica um capítulo à análise de grandes epidemias documentadas, desde a Praga de Justiniano até os mais recentes surtos de Ebola, HIV e H1-N1, e notamos que as viagens se conectam intimamente com a expansão tanto de seus vetores, quanto do contágio entre os próprios seres humanos. A peste bubônica, por exemplo, seguiu da Ásia para a Europa pelas rotas comerciais; a Gripe Espanhola espalhou-se com o movimento de tropas em campos de batalhas; surtos de varíola devastaram aldeias indígenas com as viagens marítimas promovidas pelos conquistadores europeus e a exploração dos territórios do “Novo Mundo”.

A Covid-19, que tem seu ponto de origem atrelado à província de Wuhan, na China, realizou uma série de viagens pelo mundo até tornar-se uma pandemia, o que terminou por levá-la às antípodas de seu provável berço, desembarcando, dentre outros países, no Brasil.

Mesmo sem dinheiro, o coronavírus “embarcou no turismo”. A transmissão inter-humana do vírus foi, sem dúvida, acelerada e difundida pelos constantes tráfegos aéreos da atividade turística internacional e, só depois, tornou-se sustentada, espalhando-se internamente nos países aonde chegava. Isto explica o primeiro óbito confirmado da doença no estado do Rio de Janeiro.

Uma mulher idosa, moradora do município de Miguel Pereira, e que trabalhava como empregada doméstica para uma família residente no bairro carioca de alta classe do Leblon. Ela foi infectada por sua patroa, que havia recém chegado de uma viagem à Itália. Como aponta Boaventura, por mais que se diga que o vírus é democrático, as formas de combatê-lo não são, e os levantamentos estatísticos mostram que a maior parte das vítimas da doença pertence a grupos sociais específicos, que não podem lavar as mãos a cada duas horas, como sugere a OMS, por não terem nem água suficiente para beber ou cozinhar; que possuem uma imunidade baixa causada pela insegurança alimentar em que vivem; que são discriminadas pela cor de suas peles ou por suas práticas tradicionais, contra-hegemônicas; que não são vistos como relevantes pela sua idade avançada; que são vítimas da barbárie de um modo de produção desigual, calcado no racismo e no patriarcalismo.

Além do seu caráter exclusivista, o turismo é uma atividade supérflua, ou seja, ele não é essencial para a manutenção da vida, é dispensável frente às necessidades humanas mais prioritárias, como a alimentação, a moradia ou a segurança pessoal. Assim, no contexto da pandemia, a chamada “indústria do turismo” – que abrange companhias aéreas, hotéis, agências de viagem, guias de turismo, locadoras de automóveis, dentre outros – entrou em uma profunda crise, em praticamente todo o mundo, e os trabalhadores da área sofreram com as demissões e, conseqüentemente, com a impossibilidade da manutenção digna de suas vidas.

Mas não foi toda a atividade turística que parou.

Mesmo com o fechamento das fronteiras, algumas pessoas ainda tiveram como desfrutar desta forma de lazer.

Este é mais um exemplo das profundas desigualdades sociais existentes no planeta, já que alguns afortunados, através do seu poder financeiro, desembarcaram em determinados destinos turísticos, tornando-os praticamente exclusivos para o seu deleite particular. Houve quem viajasse para locais onde pudesse ter o acesso facilitado às vacinas contra a Covid, sem precisar aguardar na fila da distribuição pública de suas pátrias de origem.

Outros buscaram obter título de cidadania em países estrangeiros, para poderem circular livremente e houve, até, um milionário na Indonésia que comprou todas as passagens de um voo regular, em jato comercial, para poder viajar sozinho e em segurança. Enquanto alguns se expõem diariamente aos riscos da contaminação, furando quarentenas, na tentativa de assegurar um prato de comida para si e seus familiares, outros esbanjam para se manterem isolados em seus privilégios.

A tendência de surgimento de novos patógenos, devido, principalmente, à relação de exploração desenfreada da natureza pelo homem, visando saciar sua sede pelo consumo crescente e pela “essencialização” do supérfluo, aponta para novas doenças com potencial pandêmico, de forma cada vez mais constante.

continua

Alguns especialistas já apontam para mudanças necessárias na maneira como a atividade turística é desenvolvida em todo mundo, e como ela deveria passar a ser feita. Em primeiro lugar, as viagens aéreas de longas distâncias precisariam ser repensadas, tanto pelo seu potencial poluidor, quanto pela possibilidade de difusão de doenças pelo mundo todo, como ocorreu com a Covid-19. Desta maneira, o foco da atividade seria local, viagens mais curtas, feitas em família ou pequenos grupos, para destinos mais próximos da região onde se vive. A necessidade de um documento comprobatório de vacinação também deve surgir e ser mantido durante os próximos anos, além de todos os cuidados com a higienização dos aviões, hotéis, restaurantes e demais ambientes dos quais o turismo se serve. Apesar de parecer ser muito cedo para se traçar um prognóstico certo da atividade turística, afinal a pandemia ainda segue ceifando vidas mundo afora, é preciso que se pensem e repensem os papéis atribuídos aos turistas e aos prestadores de serviços turísticos; as brutais desigualdades econômicas e sociais existentes; as interações humanas com o meio ambiente; além dos cuidados com a saúde da humanidade e do planeta. Todas as inter-relações existentes entre estes fenômenos precisam ser investigadas mais profundamente para que se possa compreender sua complexidade e traçar possíveis caminhos de desenvolvimento, para além da lógica predatória do capitalismo neoliberal, de suas fronteiras abissais e daquilo que permite a existência da divisão entre seres humanos de primeira e segunda classes. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.